

O PROTAGONISMO DE PROFESSORAS-PESQUISADORAS E A PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NA INFÂNCIA: CONSTRUÇÃO E EVOLUÇÃO DO CAMPO

THE ROLE OF TEACHER-RESEARCHERS AND SCIENTIFIC PRODUCTION IN EARLY CHILDHOOD MATHEMATICS EDUCATION: CONSTRUCTION AND EVOLUTION OF THE FIELD

Letícia Vitória Fortunata Queirós¹

Andressa Florcena Gama da Costa²

RESUMO: O artigo apresenta parte de uma investigação, em andamento, vinculada a uma Universidade pública do estado de Mato Grosso do Sul, que teve como objetivo analisar como a produção científica sobre Educação Matemática na Educação Infantil, majoritariamente realizada por pesquisadoras, revela a construção histórica desse campo. Nesse sentido, o estudo busca analisar como a produção sobre Educação Matemática na Educação Infantil, majoritariamente realizada por pesquisadoras, revela a construção histórica desse campo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, realizada por meio de levantamento de teses e dissertações na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), entre os anos de 2019 a 2025. A busca, filtrada por descritores relacionados à Matemática e à Educação Infantil, resultou em 412 trabalhos, dos quais 45 foram selecionados por abordarem diretamente a temática. Os resultados evidenciaram uma expressiva predominância feminina na autoria (88,89%), refletindo a feminização da docência e da pesquisa nesse campo, além de apontarem maior concentração de produções nas regiões Sul e Sudeste, com destaque para instituições como UFPR, UNESP e UFSCar. Constatou-se, ainda, que a convergência entre Educação Infantil, feminilização do magistério e o ensino de Matemática evidencia campos que têm em comum a permanência de lacunas históricas e culturais em termos de valorização e visibilidade. Conclui-se que a área permanece em processo de consolidação, sustentada principalmente por pesquisadoras que articulam experiência profissional e investigação científica, contribuindo para a valorização da Educação Infantil e da Educação Matemática.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Educação Matemática. Relações de gênero.

ABSTRACT: This article presents part of an ongoing study conducted at a public university in the state of Mato Grosso do Sul, which aims to analyze how scientific production on Mathematics Education in Early Childhood Education—predominantly authored by women researchers—reveals the historical construction of this field. The study is qualitative and bibliographic in nature, based on a survey of theses and dissertations available in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), covering the period from 2019 to 2025. Using descriptors related to Mathematics and Early Childhood Education, the search initially identified 412 studies, of which 45 were selected for directly addressing the topic. The results indicate a strong predominance of female authorship (88.89%), reflecting the feminization of teaching and research in this field, as well as a higher concentration of studies in the South and Southeast regions of Brazil, particularly at institutions such as UFPR, UNESP, and UFSCar. The findings also show that the convergence between Early Childhood Education, the feminization of teaching, and Mathematics Education reveals fields that share persistent historical and cultural gaps in terms of recognition and visibility. It is concluded that Mathematics

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: leticia.ufms.ped@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0009-8088-454X>

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: andressa.fg.costa@ufms.br

<https://orcid.org/0000-0001-8402-7865>

● [Informações completas no final do texto](#)

Education in Early Childhood Education remains a field under consolidation, primarily supported by women researchers who integrate professional experience and scientific inquiry, contributing to the strengthening and recognition of both Early Childhood Education and Mathematics Education.

KEYWORDS: Early Childhood Education. Mathematics Education. Gender Relations.

Introdução

A Educação Infantil no Brasil passou a ser reconhecida como uma etapa da Educação Básica de forma mais estruturada apenas nas últimas décadas. Até a promulgação da Constituição Federal de 1988, as creches eram tratadas como espaço de assistência social e não de educação formal. Foi a partir desse marco legal que a Educação Infantil passou a ser entendida como um direito da criança e um dever do Estado, sendo reforçada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), que estabelece a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica, voltada a crianças de zero a cinco anos.

O avanço legal foi consolidado com outros documentos normativos, como o Plano Nacional de Educação (PNE) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), aprovadas em 2009, que estabeleceram princípios éticos, políticos e estéticos para a etapa. A implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2017, estabeleceu os campos de experiências que envolvem linguagem, corpo, espaço, tempo e lógica matemática. Apesar desses avanços normativos, a consolidação da etapa ainda enfrenta desafios relacionados à infraestrutura, formação docente e valorização profissional.

Esses marcos legais dialogam diretamente com o processo histórico de feminização da Educação Infantil. Desde os tempos dos cursos normais, a docência com crianças pequenas foi um dos poucos espaços legitimados para a atuação profissional de mulheres, sobretudo brancas e urbanas. A regulamentação da Educação Infantil, portanto, não só institucionalizou um campo educativo, como também formalizou o trabalho docente de milhares de mulheres, que já atuavam de forma precária ou informal nas creches e pré-escolas. A consolidação da Educação Infantil como etapa escolar também ajudou a visibilizar as demandas por direitos trabalhistas, formação específica e reconhecimento profissional, muitas vezes protagonizadas por professoras e movimentos organizados por educadoras.

Além disso, o próprio debate sobre o lugar da criança pequena na sociedade também está envolvido nesta problemática. Como ressalta Kramer (2023), a invisibilidade da infância e das crianças na vida pública e nas políticas está associada ao fato de serem consideradas responsabilidade das mulheres - especialmente das mães.

Além disso, a autora chama atenção para o deslocamento necessário da visão assistencialista para uma perspectiva pedagógica. A assistência e os cuidados, por serem associados à naturalização do papel feminino, são desqualificados. Mas cuidados e educação não se separam. O desafio é construir práticas em que o cuidado seja qualificado como parte da ação educativa (Kramer, 2023). Tal entendimento fortalece a concepção de que o trabalho docente com crianças pequenas exige conhecimento, intencionalidade e compromisso ético, combatendo a ideia de que se trata apenas de um prolongamento do cuidado familiar.

Para que esse entendimento se fortifique entre os profissionais da educação, é de extrema importância que essa discussão esteja presente não só na formação inicial como na continuada e que seja também latente na realidade acadêmica. Como exemplificado por Santos (2022), a realidade de produções acadêmicas apresenta uma notória escassez de trabalhos que se debruçam sobre o ensino de matemática para bebês e crianças pequenas, por exemplo. Em sua dissertação de mestrado, a autora explicita a dificuldade em encontrar estudos com enfoque na Educação Infantil já que em sua maioria são encontrados trabalhos que estudam os Anos Iniciais e “[...] incluem a Educação Infantil no seu bojo de análise e discussão, mas não a englobam com as singularidades que caracterizam a mesma enquanto primeira etapa da Educação Básica” (Santos, 2022, p. 208).

Ao se aprofundarem nas poucas produções acadêmicas acerca da temática, Ciríaco e Arantes (2020) observaram que investigações sobre as práticas pedagógicas voltadas para o ensino de matemática acontecem com maior incidência na pré-escola, ainda vinculada muitas vezes a uma visão dessa etapa como uma fase preparatória para o ensino fundamental, o que não é seu objetivo. Esse dado evidencia o entendimento deturpado sobre a educação nos primeiros anos de vida e o negligenciamento das oportunidades de desenvolvimento presentes nesse período.

Diante desse cenário, durante uma pesquisa, em andamento, vinculada a uma Universidade pública do estado de Mato Grosso do Sul, a etapa inicial de análise de

produções acadêmicas evidenciou que a presença da Matemática na Educação Infantil ainda é pouco explorada e valorizada, tanto nas práticas pedagógicas quanto nas pesquisas da área.

O levantamento de teses e dissertações publicadas entre os anos de 2019 a 2025 apontou uma predominância marcante de pesquisadoras mulheres na autoria desses trabalhos, o que reforça o protagonismo feminino na construção e consolidação desse campo de estudos. Esse dado nos provocou a aprofundar o olhar sobre a interface entre o ensino de Matemática e a docência na infância, compreendendo que essa articulação carrega não apenas desafios didáticos, mas também disputas simbólicas por reconhecimento, legitimidade e valorização profissional.

A partir dessas inquietações, este artigo propõe **analisar como a produção científica sobre Educação Matemática na Educação Infantil, majoritariamente realizada por pesquisadoras, revela a construção histórica desse campo**. Como objetivos específicos, pretende-se: **mapear e caracterizar** teses e dissertações voltadas à temática do ensino de Matemática na Educação Infantil; **identificar o perfil das autoras e dos autores**, com atenção às recorrências de gênero; e **discutir** de que modo essa produção contribui para compreender a consolidação e a evolução histórica da área.

O artigo está organizado em três seções principais, além desta introdução. Na primeira, discutimos os fundamentos que configuram a Educação Infantil como campo profissional majoritariamente feminino, articulando o conceito de feminização, feminilização e suas implicações simbólicas. Na segunda, apresentamos os procedimentos metodológicos e os critérios utilizados para o levantamento das produções acadêmicas. Na terceira seção, analisamos os dados coletados e discutimos como o protagonismo das pesquisadoras se manifesta na construção da Educação Matemática voltada à infância. Por fim, nas considerações finais, retomamos os principais achados e considerações pertinentes.

A docência na Educação Infantil como campo majoritariamente feminino: contexto e implicações históricas

A presença feminina no magistério da Educação Básica brasileira, especialmente nas etapas da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, é um traço marcante da configuração docente nacional. Tal predominância, longe de ser episódica ou

circunstancial, é resultado de um processo histórico de longa duração, no qual o ato de ensinar crianças pequenas foi sendo culturalmente associado ao feminino, ao cuidado e à maternidade social.

Do ponto de vista quantitativo, esse processo tem sido amplamente documentado. Gatti *et al.* (2019, p. 160), ao analisarem dados do Índice de Paridade de Gênero (IPG) nas licenciaturas, apontam que: “[...] a licenciatura se caracteriza como um curso feminino: em 2010, para cada 100 homens que o frequentavam, havia 257 mulheres matriculadas e, em 2013, 265”.

Essa prevalência feminina, apesar de ser uma condição em comum nas diversas licenciaturas, se acentua de maneira particular no curso de Pedagogia. A maciça presença feminina nesse curso, como observa Gatti *et al.* (2019)³, não apenas reproduz como também atualiza um trajeto histórico da escolarização da mulher no Brasil. Foi por meio da ampliação dos cursos normais que a mulher ingressou de forma mais expressiva no mercado de trabalho, sendo à docência no ensino primário uma das poucas possibilidades socialmente aceitáveis de inserção laboral para mulheres ao longo do século XX. Gatti *et al.* (2019, p. 162) apontam que “[...] no conjunto das estudantes de sexo feminino concluintes de todos os cursos de licenciatura, as alunas de Pedagogia representam mais da metade delas (57,4%).”

Esse histórico de participação feminina, que é tanto quantitativo quanto simbólico, não apenas define o perfil da força de trabalho docente nas etapas iniciais da escolarização, como também expressa formas pelas quais a profissão é nomeada e representada. Um indicativo disso é o uso do termo no feminino — “professoras” — como categoria analítica e política nos estudos educacionais.

Ainda que a palavra já fosse usada em contextos cotidianos, seu uso sistemático nas produções acadêmicas da área é relativamente recente. Por muitos anos, prevaleceu o uso do masculino genérico - “professor” - mesmo em contextos em que as mulheres eram a ampla maioria numérica. O deslocamento para o feminino tem implicações importantes,

³ Vianna (2013, p. 167) destaca: “O forte caráter feminino da docência, na perspectiva da divisão sexual do trabalho, aponta maioria absoluta de mulheres na Educação Infantil com 97,9% de mulheres (97,9% para creches e 96,1% para pré-escolas).”

pois sinaliza uma tentativa de visibilizar sujeitos historicamente ocultos nas estatísticas, nos discursos oficiais e, também, na própria produção do conhecimento educacional.

Essa marca estrutural de gênero não pode ser reduzida à simples constatação numérica da maioria de mulheres no magistério. Como enfatiza Vianna (2013, p. 167),

[...] a configuração do que chamamos de feminização do magistério tem sua história e suas implicações de gênero para além da mera composição sexual da categoria docente. Uma dessas implicações diz respeito ao fato de que encontramos mais homens exatamente nos níveis e modalidades de ensino que ainda oferecem maior remuneração e usufruem mais prestígio.

Essa distribuição desigual evidencia o caráter hierarquizado da docência, tanto entre as etapas de ensino quanto entre os próprios sujeitos que nela atuam. Como aponta Gatti *et al.* (2019), mesmo nas áreas de formação majoritariamente femininas, como a Pedagogia, os espaços de liderança, pesquisa e gestão tendem a ser mais facilmente acessados pelos homens.

No que se refere à noção de feminização, é importante reconhecer que nem sempre os textos que tratam do tema aprofundam sua definição. Em muitos casos, o conceito é assumido como evidente ou diretamente vinculado à presença majoritária de mulheres em determinadas ocupações. No entanto, como alerta Yannoulas (2011), trata-se de um processo mais complexo. A autora recorre a Dias (2010) para esclarecer que

[...] semanticamente, a palavra feminização é um substantivo que vem sendo utilizado para designar ato ou efeito de feminizar, dar feição feminina a algum aspecto da vida social. Não há uma definição semântica do processo, mas sim fatores, elementos, hipóteses explicativas que auxiliam no entendimento das formas (diversificadas) de incorporação e de concentração das mulheres no universo do trabalho (Yannoulas, 2011, p. 287).

No campo da docência, em especial, o termo feminização tem sido utilizado na literatura para descrever o aumento numérico e a predominância de mulheres na profissão, especialmente nas etapas iniciais da escolarização. Está relacionado à ocupação de espaços de trabalho e é frequentemente tratado como dado quantitativo e estatístico. No entanto, é necessário destacar que a feminização também implica **efeitos simbólicos e materiais** sobre o status da profissão, muitas vezes associados à desvalorização social do trabalho docente, à precarização das condições de trabalho e à dificuldade de reconhecimento profissional.

Em continuidade, a noção de **feminilização** surge como um termo mais recente e analítico, utilizado para designar não apenas a presença das mulheres na profissão docente, mas, sobretudo, os sentidos ideológicos e culturais atribuídos ao feminino no exercício da docência. Trata-se de uma leitura mais crítica que evidencia como determinadas características consideradas “femininas” — como o cuidado, o afeto, a docilidade, a docura e a sensibilidade — são naturalizadas e esperadas das mulheres que atuam como professoras, reforçando estereótipos de gênero tanto na prática pedagógica quanto na formação profissional (Yannoulas, 2011; Louro, s/d).

A feminilização, portanto, não se refere apenas a uma composição demográfica, mas a uma construção simbólica que molda expectativas sociais sobre quem deve ensinar crianças e como esse ensino deve ocorrer. Enquanto a feminilização pode ser **mensurada estatisticamente**, a feminilização exige uma abordagem **interpretativa e crítica**, pois diz respeito aos discursos e normativas sociais que estruturam o ser e o fazer docente a partir de referenciais de gênero.

Por outro lado, a presença de pedagogos homens na Educação Infantil, embora numericamente reduzida, também revela aspectos importantes da desvalorização estrutural que marca essa etapa educacional. Alguns estudos indicam que esses profissionais enfrentam, sobretudo no início de suas trajetórias, desafios relacionados à ausência de representatividade masculina, o que impacta suas percepções sobre o próprio trabalho e sua inserção no ambiente escolar, geralmente marcado por uma cultura profissional predominantemente feminina.

Além disso, há preconceitos recorrentes que atravessam sua atuação, como desconfianças quanto à motivação para trabalhar com crianças pequenas, o reforço de estereótipos de gênero e o estranhamento por parte de colegas e famílias. Apesar disso, é fundamental destacar que esses profissionais estão igualmente sujeitos às condições de desvalorização social que historicamente recaem sobre a docência com crianças, como os baixos salários, a pouca visibilidade institucional e a ausência de reconhecimento social. Ou seja, a problemática não se restringe ao gênero de quem atua, mas sim ao nível de desvalorização que atinge o campo da Educação Infantil como um todo - uma etapa que exige maior investimento, atenção e prestígio por parte das políticas públicas, da formação docente e da própria sociedade.

Endossa essa perspectiva que outras profissões ligadas ao cuidado, integram um conjunto de ocupações historicamente associadas ao feminino, a exemplo da enfermagem e do trabalho com a primeira infância. Vianna (2013), ao citar Izquierdo (1994, p. 49), traz uma reflexão contundente:

[...] aquelas atividades que prestam serviços a pessoas, nas quais atende-se a vida humana genericamente: enfermeiras, professoras, pediatras, prostitutas etc. [...] A desigualdade de gênero se produz tanto se as pessoas que desenvolvem estas atividades são fêmeas como se não o são.

Essa afirmação é essencial para desmontar a ideia de que o desprestígio dessas ocupações decorre unicamente da presença feminina. Trata-se, na verdade, de um processo estrutural de desvalorização de funções que envolvem o cuidado com a vida, para além de quem as exerce historicamente. É nesse sentido que a Educação Infantil - mesmo quando ocupada por homens - permanece socialmente desvalorizada, não sendo raro que os poucos pedagogos homens que atuam nessa etapa sejam alvo de estranhamento ou estigmatização.

Essa constatação nos permite avançar para uma compreensão mais complexa das relações entre gênero e magistério. Ao invés de tratar as professoras apenas como vítimas e/ou marginalizadas ou ainda, enaltecer aquelas que ascendem ao ensino superior e à pesquisa, é necessário reconhecer os movimentos contraditórios e múltiplos que atravessam o campo.

A convergência entre Educação Infantil, feminilização do magistério e o ensino de Matemática evidencia campos que têm em comum a permanência de lacunas históricas e culturais em termos de valorização e visibilidade.

Nesse sentido, é necessário também reconhecer que as mulheres professoras não são um grupo homogêneo. Como afirma Louro (s/d), as ambiguidades, tensões, cumplicidades e oposições que atravessam suas trajetórias revelam que, ao longo do tempo, elas se constituíram como “professoras ideais” e como “professoras desviantes”, como mulheres ajustadas e inadaptadas. Foi entre diferentes discursos e práticas, muitas vezes contraditórios, que se produziram como sujeitos históricos e políticos da profissão docente.

No que diz respeito à formação dos profissionais que atuam na Educação Infantil percebe-se que os marcos legais como a LDB 9.394/1996, as Diretrizes Curriculares

Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI/2009) e o Plano Nacional de Educação (2014), garantiram não apenas a ampliação do acesso e a matrícula obrigatória a partir dos quatro anos, mas também exigiram formação superior específica para as docentes - um avanço importante em um campo historicamente desvalorizado.

Apesar desses avanços, pesquisas apontam que a formação inicial das professoras que atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental ainda apresenta lacunas expressivas, especialmente no que se refere ao ensino da Matemática. Edda Curi (2005) analisou diferentes momentos históricos da formação docente e mostrou que os cursos de Magistério e centros como os CEFAM dedicavam pouco espaço para a Matemática, com abordagens fragmentadas e descontextualizadas da prática educativa. Mesmo com a transição para cursos de licenciatura em Instituições Superiores de Ensino (IES), a formação matemática ainda é marcada por fragilidades.

Entre os anos de 2005 e 2007, o Brasil vivenciou uma reestruturação significativa nos cursos de Pedagogia, impulsionada pela aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia (Resolução CNE/CP nº 1/2006). Até então, os cursos podiam apresentar habilitações distintas, como Educação Infantil ou Anos Iniciais do Ensino Fundamental, prevendo, ao menos formalmente, formações mais direcionadas.

Com a resolução de 2006, extinguiram-se essas habilitações, e o curso passou a ter uma formação única, generalista, voltada para a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, além da gestão escolar. Essa mudança, embora ampliasse a abrangência da atuação profissional, também gerou críticas quanto à superficialidade da formação em áreas específicas, como a Educação Infantil, que perdeu espaço curricular próprio nos projetos pedagógicos de muitas instituições. Assim, consolidou-se um modelo que, na prática, dificulta o aprofundamento teórico-metodológico necessário para responder com qualidade às especificidades das diferentes etapas da infância.

Quanto aos conhecimentos matemáticos, Curi (2005) já apontava que a carga horária destinada às disciplinas relacionadas ao ensino de Matemática nos cursos de Pedagogia era bastante reduzida, variando entre 36 e 72 horas, e que os conteúdos trabalhados eram extremamente diversos e pouco aprofundados. A autora destaca ainda que as disciplinas, geralmente intituladas como “Metodologia de Ensino de Matemática” ou “Conteúdos e Metodologia de Ensino de Matemática”, revelam uma ênfase nos aspectos

metodológicos, em detrimento da formação matemática mais sólida. Como afirma Curi (2005, p. 61): “[...] cerca de 90% dos cursos de Pedagogia elegem as questões metodológicas como essenciais à formação de professores polivalentes”.

Por outro lado, pesquisadores da área (Lorenzato, 2006; Ciríaco; Azevedo, 2024) evidenciam a potencialidade e complexidade no trabalho com crianças. Para Lorenzato (2006), uma das crenças educacionais mais divulgadas e aceitas pela cultura popular é a que concebe a função do professor de Educação Infantil como sendo a mais fácil, se comparada com as funções dos professores de qualquer outra faixa etária.

Na verdade, ser o orientador do processo de crescimento de crianças com pequeno vocabulário, com instrumentos cognitivos ainda pré-lógicos, que não conseguem manter a atenção além de alguns minutos, que centram sua atenção em alguns detalhes em detrimento de outros, [...] que nem mesmo desenvolveram toda motricidade do seu corpo [...] enfim, [...] é uma difícil missão e de grande responsabilidade. Em muitos países, esses professores recebem uma remuneração maior que a de outros colegas de educação elementar, porque a sociedade e as autoridades admitem que os professores de educação infantil necessitam de mais formação [...] (Lorenzato, 2006, p. 19).

Diante desse panorama, evidencia-se um paradoxo: ao mesmo tempo em que a docência com crianças pequenas tem sido historicamente esvaziada de uma exigência de qualificação específica, sua prática cotidiana demanda um grau de especialização cada vez mais consistente. O que certamente implica na necessidade de mais investigações no campo e de mudanças estruturais, de formação e de políticas de valorização no segmento. De modo que, acreditamos no potencial da discussão articulada que se coloca em tela.

Metodologia

Esta pesquisa entende-se como qualitativa, de caráter bibliográfico, que utilizou da realização de um levantamento do tipo “estado da arte” (Ferreira, 2002), com o pretexto de compreender o que já foi produzido sobre o ensino da Matemática na Educação Infantil na pós-graduação brasileira. A pesquisa bibliográfica foi realizada levando em consideração a definição de Gil (2002) partindo de materiais previamente produzidos e que permitiram que tivéssemos acesso a um vasto material científico para análise.

A partir de todas as considerações apontadas, este artigo propõe **analisar como a produção científica sobre Educação Matemática na Educação Infantil, majoritariamente realizada por pesquisadoras, revela a construção histórica desse campo.** Como objetivos específicos, pretende-se: **mapear e caracterizar** teses e

dissertações voltadas à temática do ensino de Matemática na Educação Infantil; **identificar o perfil das autoras e dos autores**, com atenção às recorrências de gênero; e **discutir** de que modo essa produção contribui para compreender a consolidação e a evolução histórica da área.

Para que fosse possível alcançar tais objetivos, foi utilizada a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) como fonte principal de busca por ser reconhecida nacionalmente como uma base de dados oficial, atualizada e de grande indexação para pesquisas educacionais brasileiras, pois é possível localizar, de forma prática e organizada, dissertações e teses de programas de pós-graduação em Educação e áreas afins.

As buscas foram realizadas manualmente, acessando diretamente o site da base de dados selecionada, BD TD, entre os meses de março e abril de 2025. Como forma de refinar a pesquisa buscamos apenas trabalhos publicados entre 2019 e 2025 relativos à Educação Infantil. Foram utilizados os descritores “Matemática” e “Educação Infantil” para uma pesquisa ampla buscando as palavras no título e/ou resumo. Os filtros utilizados na base restringiram a pesquisa a trabalhos de mestrado e doutorado, em língua portuguesa e com acesso ao texto completo, relacionados à área da Educação. Os resultados obtidos foram organizados em planilhas com os seguintes dados: autor, ano, título, instituição, tipo (tese ou dissertação) e tema central.

Resultados

Após a pesquisa inicial no banco de dados escolhido, a primeira etapa de análise iniciou-se pela leitura de títulos e resumos das teses e dissertações encontradas com o objetivo de identificar sua concordância com o tema inicial da pesquisa. Quando dúvidas persistiam acerca de sua adequação com o objeto deste trabalho, uma leitura flutuante sobre a introdução, metodologia e considerações finais das produções aconteceu para saná-las. Este processo de filtragem permitiu selecionar apenas estudos que tinham foco direto na Matemática na Educação Infantil e que eram mais pertinentes à proposta investigativa. O levantamento inicial identificou 412 trabalhos, dos quais 45 foram selecionados para leitura e aprofundamento

Esse processo de filtragem revelou que, embora os descritores utilizados incluíssem explicitamente o termo *Educação Infantil*, os resultados obtidos eram bastante amplos,

contemplando um número expressivo de pesquisas voltadas à infância de modo geral, especialmente estudos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como investigações que abordavam a Matemática de forma interdisciplinar, associada a outras áreas do conhecimento, como Ciências, Linguagem ou Educação Ambiental.

Considerando os objetivos deste estudo, optou-se por excluir trabalhos que: (a) não tinham a Educação Infantil como etapa central de análise; (b) abordavam a Matemática apenas de forma transversal ou integrada a outras áreas, sem aprofundamento específico no campo matemático; e (c) focalizavam temáticas mais amplas da infância, sem relação direta com o ensino e a aprendizagem da Matemática.

Quadro 1. Produções sobre o ensino de Matemática na Educação Infantil entre 2019 e 2025

Ano	Fonte de pesquisa	Encontrados/Publicados	Selecionados
(2019-2025)	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD	412	45

Fonte: produzido pelas autoras.

Dos resultados obtidos na base de dados, aproximadamente 11% (45) deles realmente tratavam da Matemática na Educação Infantil, o que mostra que existe atualmente uma escassez de estudos sobre o tema na realidade acadêmica brasileira.

Para nos aprofundarmos nesses selecionados, o quadro abaixo descreve cada um deles com dados básicos como ano de publicação, tipo de produção, autoria, título e instituição.

Quadro 2. Descrição nominal as produções na BDTD sobre Educação Infantil e ensino de Matemática na E.I. (2019 a 2025)

ANO	N.	TIPO	AUTORIA	TÍTULO	INSTITUIÇÃO
2019	1	Dissertação	Roseli Rosalino Dias da Silva Angelino	Numeracia na educação infantil: um estudo dos cenários inclusivos	UNIAN-SP
	2	Dissertação	Camile de Araújo Aguiar	O espaço como elemento potencializador da mobilização e manifestação de noções matemáticas na educação infantil	UFMT
	3	Dissertação	Isabel Cristina Coutinho Carlos	O desenvolvimento do pensamento lógico-matemático na Educação Infantil: primeiras aproximações para a sistematização do conceito numérico na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica	Unesp

	4	Tese	Evandro Tortora	O lugar da Matemática na educação infantil: um estudo sobre as atitudes e crenças de autoeficácia das professoras no trabalho com as crianças	Unesp
	5	Dissertação	Izabella Godiano Siqueira	Desenvolvimento do pensamento geométrico na educação infantil: teorias e práticas	Unesp
2020	6	Dissertação	Letícia Coutinho	Modelagem matemática e raciocínio proporcional na educação infantil	UTFPR
	7	Dissertação	Ana Caroline Zampirolli	A modelagem matemática como favorecedora da aprendizagem na educação infantil	UEM
	8	Dissertação	Cinthia Peres Pacífico Gonçalves	Práticas pedagógicas com a matemática e a linguagem musical na educação infantil	UNIPAMPA
	9	Dissertação	Rosimere Cleide Souza Desidério	A robótica como alternativa para o ensino e aprendizagem da matemática na educação infantil: revisão sistemática da literatura	UNESP
	10	Dissertação	Paulo Robson Duarte Barbosa	Conhecimentos matemáticos presentes em brincadeiras da educação infantil que envolvem o corpo em movimento	UFPR
2021	11	Dissertação	Mirian Ferreira Rezende	Competências em atividades de modelagem matemática na educação infantil	UTFPR
	12	Dissertação	Eloize Caroline dos Santos	Modelagem matemática na educação infantil: possíveis potencialidades	UEPG
	13	Dissertação	Aline Roberta Weber Moreira da Silva	Crianças construindo jogos de tabuleiro na educação infantil: interconexões entre a expressão gráfica e as ideias matemáticas	UFPR
	14	Tese	Valdirene Moura da Silva	As representações sociais da matemática na educação infantil compartilhadas pelos docentes da gerência regional de educação - Vale do Capibaribe	UFPE
	15	Dissertação	Raissa Alexandra Lopes Duarte	Resolução de problemas não convencionais na educação infantil: a criança como protagonista	UNITAU
	16	Dissertação	Maria Kênia Firmino da Silva	Literatura infantil e educação matemática na Educação Infantil: atuações pedagógicas, inspiradas em histórias infantis com múltiplas linguagens e o voo de crianças bem pequenas	UFC

	17	Tese	Maria Auristela Barbosa Alves de Miranda	Apropriação de conceitos matemáticos na Educação Infantil à luz da Teoria Histórico-Cultural: entre o falar, o viver e o brincar	UNB
	18	Dissertação	Ana Raquel Beckmann	Tapete Pedagógico: um recurso didático para introduzir o ensino de ciências e matemática na Educação Infantil	UFN
	19	Dissertação	Tamires Tomio Lays	Formação de professores na educação infantil: explorando matemática em atividades relacionadas aos campos de experiência	FURB
2022	20	Dissertação	Raquel Soares dos Santos	A matemática na/dá educação infantil : um estado da arte das publicações brasileiras	UFSC
	21	Dissertação	Angélica von Laurent Anelise Kirchhoff	O lugar do jogo na aprendizagem da matemática na educação infantil	UFSC
	22	Dissertação	Daniele Gomes Lorena	Jogos digitais e a alfabetização matemática na educação infantil	UFRN
	23	Dissertação	Eliane Pinto Ferreira	A Matemática na Educação Infantil sob a ótica dos documentos oficiais: RCNEI e BNCC	PUC-Campinas
	24	Dissertação	Viviane Arruda Machado Leal	Uso de Jogos educacionais digitais para o ensino de números e quantidades na educação infantil	UFN
	25	Dissertação	Marcos Henrique Ribeiro	Matemática e educação infantil: percepções de professoras sobre articulações com os campos de experiência	UFPR
	26	Dissertação	Simone de Arrial Cerentini	Sequência didática interativa para o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático na educação infantil	UFN
	27	Dissertação	Silvia Bronoski Ferreira	Estratégias para iniciar o desenvolvimento do pensamento estatístico na educação infantil	UTFPR

	28	Dissertação	Thayná Reis	A matemática em videoaulas para a educação infantil do município de Curitiba-PR no período de pandemia do Covid-19	UFPR
	29	Dissertação	Heleine Villas Francisco	O desenvolvimento de livros sensoriais como materiais de apoio para o ensino de habilidades matemáticas na educação infantil: uma perspectiva inclusiva considerando discentes com deficiência visual	UFSCar
	30	Dissertação	Jaqueleine Horst	Modelagem Matemática na Educação Infantil: pressupostos de uma pesquisa de revisão sistemática	UEPG
2023	31	Tese	Cibelli Batista Belo	Formação inicial de professores da educação infantil: uma proposta com modelagem matemática na educação matemática	UFPR
	32	Dissertação	Laís Besseier de Oliva	Matemática na Educação Infantil: o entrelaçamento da experiência docente e do desenvolvimento profissional	PUC-Campinas
	33	Dissertação	Alessandra Aparecida Amâncio	Curriculo da educação infantil e o lugar da matemática no desenvolvimento de crianças de zero a três anos	UFV
	34	Dissertação	Graziela Espindola Mezzomo Spode	O universo mágico da geometria: uma proposta de sequência didática para a educação infantil	UFN
	35	Dissertação	Cristiane Pacheco Pires Silva	A construção do número na educação infantil a partir de atividades lúdicas: a música e o jogo	UCS
	36	Dissertação	Valmir Torres	Curriculo de matemática na Educação Infantil de um município do interior paulista: compreensão de número e sistema de numeração	UFSCar
	37	Dissertação	Alice Hunhoff	O pensamento matemático no período pré-escolar	UNIOESTE

	38	Dissertação	Carla Aparecida Pereira Gonzaga	O ensino da Matemática: metodologias alternativas para crianças de 04 a 05 anos na pré-escola	UFU
2 0 2 4	39	Dissertação	Sislaine Sanchez	O ensino da matemática na educação infantil através da geometria	UNESP
	40	Dissertação	Vera Lucia Bezerra Menezes	Práticas pedagógicas em matemática narradas por professoras de educação infantil	PUC-Campinas
	41	Dissertação	Ana Diva Rabuske Piva	Um olhar para manifestações matemáticas de crianças pequenas em situações de jogo na educação infantil	UFSM
	42	Tese	Sandra Soeiro Dias Maria	Formação continuada em Educação Matemática para professores de Educação Infantil: contribuições para os saberes docentes e as práticas pedagógicas	UFC
	43	Dissertação	Priscilla de Souza Nascimento	Narrativas de professoras de Educação Infantil: o que nos contam sobre as atividades com a Matemática?	UERJ
	44	Dissertação	Clara Inês Warken	O processo de ensino e aprendizagem de noções matemáticas na Educação Infantil dos países fundadores do Mercosul: uma Revisão Sistemática da Literatura	UNIOESTE
	45	Dissertação	Talita Moreno Lopes	Desenvolvimento de uma sequência didática na Educação Infantil utilizando contos de fadas para exploração matemática	UFSCar

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

Ao realizar o levantamento das teses e dissertações observou-se que a maioria das autoras são mulheres (88,89%). Essa predominância não é um dado trivial, mas reflete uma tendência importante na configuração da pesquisa brasileira: enquanto os pesquisadores homens ainda são maioria em diversas áreas, especialmente naquelas com maior acesso a financiamento e prestígio acadêmico (CAPES), temas relacionados à docência na primeira infância seguem sendo majoritariamente investigados por mulheres.

Ao observar os programas de pós-graduação que deram origem às dissertações averiguadas, foi possível identificar uma pequena parcela de produções que partem de programas de mestrado profissional, cerca de 12,5% (5). O mestrado profissional é uma modalidade de pós-graduação voltada para a qualificação de profissionais, em exercício, de determinada área. Isso nos indica que algumas das autoras das produções localizadas vem diretamente da prática escolar, evidenciando que as professoras-pesquisadoras do levantamento estão de fato ampliando seu processo de formação, buscando a reflexão e o aprimoramento de sua prática.

A análise dos trabalhos selecionados, organizados em categorias temáticas, permitiu compreender as tendências e os enfoques predominantes na produção acadêmica sobre Matemática na Educação Infantil, sendo identificados quatro enfoques centrais nas pesquisas: **Propostas Metodológicas e Abordagens Didáticas** (37,78%); **Práticas Pedagógicas e Experiências com Crianças** (35,56%); **Formação Docente e Saberes Profissionais** (15,56%) e **Orientações Curriculares e Estudos de Documentos legais** (11,11%). Essa categorização explicitou a grande tendência dos estudos em educação infantil de se debruçar predominantemente sobre os campos metodológicos e as práticas docentes, se firmando nos saberes pragmáticos de como ensinar, de que modo e o que utilizar.

Tal tendência revela um predomínio de estudos ancorados em saberes de natureza pragmática, voltados à ação docente imediata, em detrimento de outras análises sobre o domínio dos conhecimentos matemáticos específicos que sustentam essas práticas.

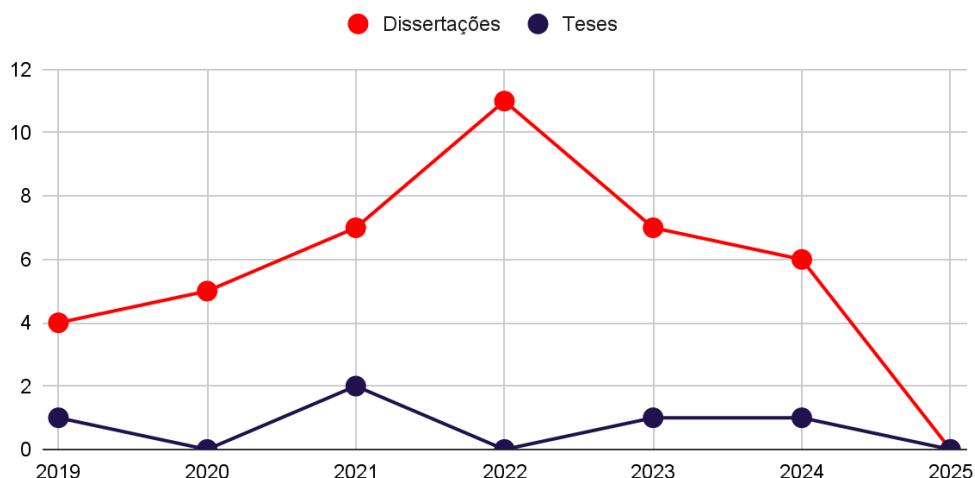
Esse achado empírico dialoga diretamente com a discussão teórica apresentada anteriormente neste estudo. Conforme aponta Curi (2005), desde a formação inicial — e, em certa medida, também na pós-graduação — os cursos de Pedagogia tendem a eleger as questões metodológicas como eixo central da formação dos professores polivalentes. Segundo a autora, esse movimento acaba por reforçar uma concepção de formação docente na qual o *como ensinar* assume maior centralidade do que o *o que ensinar*, fragilizando o aprofundamento conceitual necessário ao ensino da Matemática.

Desse modo, embora as metodologias de ensino sejam reconhecidamente importantes — especialmente no contexto da Educação Infantil —, os dados desta pesquisa evidenciam a necessidade de ampliar o debate sobre o **domínio do conhecimento**

matemático específico por parte do pedagogo. A ênfase quase exclusiva nas metodologias e nas práticas pode mascarar lacunas formativas mais estruturais, relacionadas à compreensão conceitual da Matemática, elemento fundamental para a tomada de decisões didáticas conscientes e para a construção de práticas pedagógicas intencionalmente fundamentadas.

Quando nos atentamos ao período em que as pesquisas foram realizadas, é perceptível conforme o Gráfico 1, a seguir, que a quantidade de trabalhos produzidos teve uma crescente desde 2019 com seu ápice no ano de 2022, em que 13 dissertações foram publicadas. Desde então, as pesquisas sobre a temática diminuíram, o que demonstra uma desaceleração nas discussões. Percebe-se também a presença maior de dissertações do que teses sobre a temática. Enquanto apenas 5 teses de doutorado foram publicadas, no mesmo período, houve a publicação de 40 dissertações de mestrado.

Gráfico 1. Produção de pesquisas sobre Educação Infantil e Matemática (2019 - 2025)



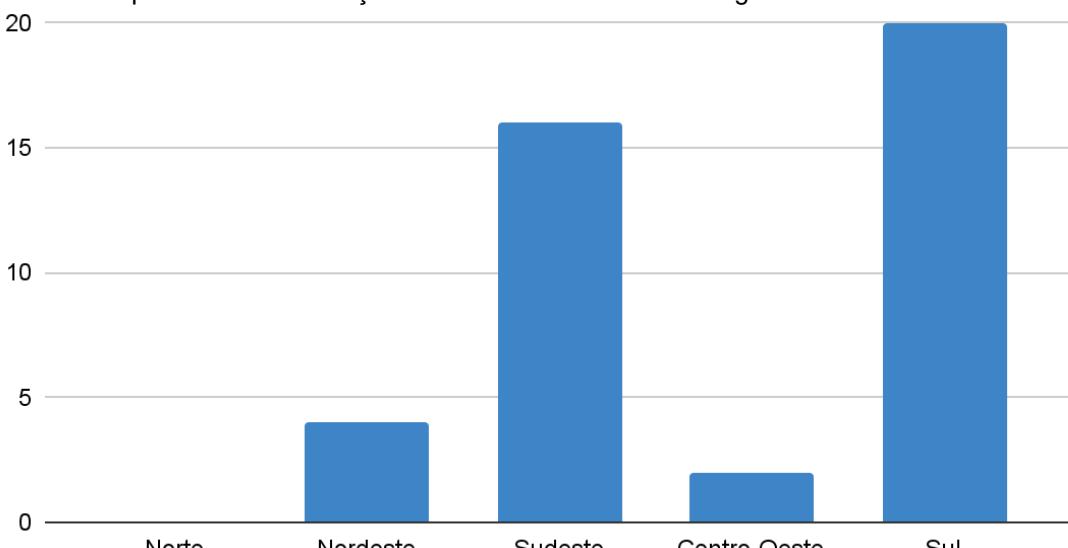
Fonte: Produzido pelas autoras (2025)

Ainda segundo os registros, existem regiões brasileiras que possuem uma influência maior na produção de pesquisas sobre a Matemática na Educação Infantil. Este dado fica explícito no Gráfico 2, a seguir que expõe a enorme discrepância entre a região sul e a norte do Brasil. Tal constatação pode ser fruto de uma maior concentração de programas de pós-graduação e comunidade dedicada a essa questão nas regiões sul e sudeste com a existência de grupos de estudos e pesquisas.

Entre as instituições mais frequentes no levantamento estão: UFPR, UNESP, UTFPR, PUC-Campinas e a UFSCar. A Universidade Federal do Paraná (UFPR) tomou



grande destaque no levantamento por ser a instituição de origem de várias das pesquisas publicadas nos últimos anos, muitas vinculadas ao Grupo de Pesquisa em Ensino e Aprendizagem de Ciências e Matemática - GPEACM presente na instituição.

Gráfico 2. Pesquisas sobre Educação Infantil e Matemática nas regiões brasileiras nos últimos 5 anos

Fonte: Produzido pelas autoras (2025)

A análise das produções que compõem o corpus da pesquisa (Quadro 2) reafirma a predominância de estudos centrados nas metodologias de ensino da Matemática na Educação Infantil. Entre as abordagens mais recorrentes destacam-se a modelagem matemática, os jogos, a resolução de problemas, o uso de recursos digitais e a literatura infantil, evidenciando a valorização de práticas lúdicas, investigativas e contextualizadas.

Embora o enfoque metodológico seja majoritário, observa-se que parte dessas pesquisas mobiliza campos específicos do conhecimento matemático de forma inovadora. Para além dos conteúdos tradicionalmente associados à Educação Infantil — como número e Geometria —, emergem investigações que abordam Estatística, Numeracia, Robótica e tecnologias digitais, ampliando o repertório de saberes matemáticos trabalhados com crianças pequenas.

Esses estudos indicam um deslocamento relevante ao reconhecer o potencial das crianças para aprender Matemática para além de números e formas, desde que inseridas em propostas pedagógicas intencionalmente planejadas e sustentadas por conhecimento específico de conteúdo e saberes profissionais docentes.

Em suma, esses dados dialogam com a própria realidade da Educação Infantil, campo cuja constituição histórica e científica tem sido sustentada majoritariamente por mulheres, tanto na prática docente quanto na produção de saberes. Portanto, é significativo observar que as professoras-pesquisadoras, que atuam cotidianamente com as crianças,

também são as principais responsáveis por refletir teoricamente e propor avanços no ensino de Matemática nesse segmento. Essa conexão entre experiência profissional e produção acadêmica contribui para a valorização de um conhecimento situado, comprometido com a realidade escolar e com os sujeitos da prática pedagógica.

Considerações Finais

A articulação entre Educação Infantil, profissão docente e desenvolvimento de noções matemáticas revela uma sobreposição de campos historicamente **negligenciados**, tanto nas políticas educacionais quanto na produção acadêmica. A Educação Infantil, majoritariamente ocupada por mulheres, ainda enfrenta desafios de valorização institucional e social, como discutido anteriormente. Quando se observa a presença da Matemática nesse contexto, a escassez se agrava: o ensino e a aprendizagem matemática nas primeiras etapas da escolarização são frequentemente tratados de forma superficial, fragmentada ou tida como "pré-requisito" para o que virá nos anos seguintes.

Ao responder ao objetivo geral desta pesquisa, os resultados evidenciam que tal produção expressa não apenas o processo de consolidação de uma área ainda emergente, mas também as marcas históricas de feminização e feminilização que atravessam tanto a docência na infância quanto a pesquisa educacional nesse segmento. A predominância feminina na autoria das teses e dissertações analisadas indica que são as professoras-pesquisadoras as principais responsáveis por sustentar, problematizar e dar visibilidade científica à Educação Matemática na Educação Infantil no contexto brasileiro.

No que se refere ao primeiro objetivo específico, de **mapear e caracterizar as teses e dissertações voltadas à temática do ensino de Matemática na Educação Infantil**, o levantamento realizado na BDTD permitiu identificar um conjunto ainda restrito de produções, concentradas principalmente no período recente e vinculadas a programas de pós-graduação das regiões Sul e Sudeste. Esse mapeamento confirma que, apesar de avanços pontuais, a área permanece pouco explorada no âmbito da pós-graduação, reforçando seu caráter ainda incipiente.

Quanto ao segundo objetivo específico, de **identificar o perfil das autoras e dos autores**, os dados revelaram uma expressiva predominância de mulheres na autoria das pesquisas, o que reafirma a forte relação entre gênero, docência na infância e produção de conhecimento. Tal achado evidencia que a construção científica da Educação Matemática

na Educação Infantil tem sido impulsionada majoritariamente por mulheres que articulam experiência profissional, prática pedagógica e investigação acadêmica.

Por fim, em relação ao terceiro objetivo específico, de **discutir de que modo essa produção contribui para compreender a consolidação e a evolução histórica da área**, a análise demonstrou que, embora predomine o enfoque metodológico, há sinais importantes de inovação, especialmente quando as pesquisas mobilizam campos específicos do conhecimento matemático para além dos conteúdos tradicionalmente associados à Educação Infantil. A emergência de estudos que abordam Estatística, Numeracia, Robótica e tecnologias digitais aponta para uma ampliação das concepções sobre o que as crianças podem aprender em Matemática, desde que inseridas em práticas pedagogicamente intencionais e conceitualmente fundamentadas.

Chama atenção o fato de que **são as mulheres que, mesmo inseridas em um campo profissional historicamente subalternizado, têm sustentado e impulsionado o avanço da produção científica na interface entre Matemática e Educação Infantil**. Dessa forma, conclui-se que o avanço da Educação Matemática na Educação Infantil depende não apenas da ampliação quantitativa das pesquisas, mas, sobretudo, do reconhecimento e da valorização das professoras-pesquisadoras. Reconhecer esse protagonismo não é sobre exaltar trajetórias individuais, mas compreender que o avanço do campo depende, também, da valorização das vozes e práticas dessas mulheres que, por meio da pesquisa, **rompem o silêncio estrutural que paira sobre a Matemática na infância**.

Referências

CIRÍACO, Klinger Teodoro; ARANTES, Margarida Maria Silva. Análise bibliométrica dos relatos de experiência sobre “Matemática na Educação Infantil” publicados no SHIAM (2013-2017). **TANGRAM - Revista de Educação Matemática**, [S. I.], v. 3, n. 1, p. 18–45, 2020. DOI: 10.30612/tangram.v3i1.11171. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/tangram/article/view/11171> . Acesso em: 17 ago. 2025.

CIRÍACO, Klinger Teodoro; AZEVEDO, Priscila Domingues de. **Linguagem matemática na educação infantil**: experiências no território dos bebês e das crianças bem pequenas. 1. ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2024.

CURI, Edda. **A matemática e os professores dos anos iniciais**. São Paulo: Musa Editora, 2005.

GATTI, Bernardete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de; ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de. **Professores do Brasil**: novos cenários de formação. Brasília, DF: UNESCO, 2019. Disponível em: https://www.fcc.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Livro_ProfessoresDoBrasil.pdf. Acesso em: 15 ago. 2025.

KRAMER, Sônia; NUNES, Maria Fernanda. Gestão pública, formação e identidade de profissionais de Educação Infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 131, p. 423-454, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/v37n131/v37n131a10.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2025.

LORENZATO, Sérgio. **Educação Infantil e percepção matemática**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://d1wqxts1xzle7.cloudfront.net/38930881/MulheresnaSaladeAula-libre.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SANTOS, Raquel Soares dos. **A matemática na/da educação infantil**: um estudo da arte das publicações brasileiras. 2022. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/236052> . Acesso em: 17 ago. 2025.

VIANNA, Claudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (org.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180. Disponível em: <http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/44242>. Acesso em: 15 ago. 2025.

YANNOULAS, Silvia. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, Brasília, DF, v. 11, n. 22, p. 271–292, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/1368/1583>. Acesso em: 23 dez. 2025.

NOTAS

IDENTIFICAÇÃO DE AUTORIA

Letícia Vitória Fortunata Queirós. Pedagoga. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS, Três Lagoas, MS, Brasil).

E-mail: leticia.queiros@ufms.br

ID <https://orcid.org/0009-0009-8088-454X>

ANDRESSA FLORCENA GAMA AA COSTA. Doutora em Educação. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática, Cultura e Formação Docente (MANCALA). Professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, MS, Brasil.

E-mail: andressa.fg.costa@ufms.br

ID <https://orcid.org/0000-0001-8402-7865>

**AGRADECIMENTOS**

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista ENSIN@ UFMS – ISSN 2525-7056 o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY-NC-SA 4.0), que permite compartilhar e adaptar o trabalho, para fins não comerciais, reconhecendo a autoria do texto e publicação inicial neste periódico, desde que adotem a mesma licença, compartilhar igual.

EDITORES

Patricia Helena Mirandola Garcia, Eugenia Brunilda Opazo Uribe, Gerson dos Santos Farias.

HISTÓRICO

Recebido em: 17/08/2025 - Aprovado em: 28/12/2025 – Publicado em: 31/12/2025.

COMO CITAR

QUEIRÓS, L. V; F.; COSTA, A. F. G. O Protagonismo de Professoras-Pesquisadoras e a Produção Científica em Educação Matemática na Infância: Construção e Evolução do Campo. **Revista ENSIN@ UFMS**, Três Lagoas, v. 6, n. 10, p. 138-161. 2025